

Identidade masculina: paradoxos na sexualidade **8**

Oswaldo M. Rodrigues Jr.*

O estudo da identidade masculina somente foi iniciado recentemente. Com os movimentos feministas deste início de século, a identidade feminina tem relatada, discutida e apresentada em muitos estudos e pesquisas, em especial desde a década de 60.

Propomo-nos a sumariar alguns termos que conduza o leitor a refletir sobre a identidade masculina, em especial associada à sexualidade masculina.

A identidade de gênero deve implicar na identidade pessoal e nos gêneros criados, masculino e feminino.

DO CONCEITO DE GÊNERO

Sorj (1992) refere o conceito de gênero envolvendo duas dimensões. A primeira compreende a idéia que o equipamento biológico sexual inato não dá conta da explicação do comportamento diferenciado masculino.

* Psicólogo e Terapeuta Sexual associado ao Instituto H. Ellis (SP). Diretor de Publicações da Sociedade Brasileira de Sexualidade Humana (1995-97).

no e feminino observado na sociedade. Diferentemente do sexo, o gênero é um produto social, aprendido, representado, institucionalizado e transmitido ao longo das gerações. A segunda dimensão envolve a noção de que o poder é distribuído de maneira desigual entre os sexos, cabendo às mulheres uma posição subalterna na organização da vida social. Sorj (1992) aponta para a universalidade da categoria de gênero, a qual pressupõe uma experiência comum das mulheres, generalizável a partir da vivência de gênero e coletivamente compartilhada através das culturas e da história. Este seria um elemento central na construção teórica do feminismo.

Machado (1992) citando Gayle Rubin, aponta a idéia de que gênero é uma instauração arbitrária, então podendo desaparecer ou pode ser movido, mutável e recobrir várias áreas de classificação não somente a de poder. Machado (1992) refere que a constituição simbólica do gênero se faz num contexto social determinado no tempo e no espaço, mas sendo uma categoria universal do pensamento humano (proposição também aceita por Heilborn, 1992), arbitrária atribuindo aos elementos a idéia de masculino, feminino e neutro. A noção de gênero, inscrita no pensamento da Ciência Social, é construída socialmente, sendo sempre instaurada no social, na diferença e na historicidade.

Machado (1992) afirma que a Lingüística permite que se perceba mais claramente o plano da produção simbólica do conceito de gênero. A afirmação da diferença de gênero, coloca um dilema pela Lingüística, Psicanálise e Antropologia: afirmando-se caráter arbitrário (cultural) do gênero, mantinham-se a relação de imanência (não arbitrária) com o sexo biológico. Machado refere que Lacan aponta a possibilidade da mulher empiricamente realizar a “função da lei-do-pai” (do poder), instituída pelo fallus, simbolização do pênis, mas não através da simbolização através da vagina e/ou do clitóris; que embora a mulher possa chegar ao fallus (arbitrário entre sexo biológico e *fallus*), consegue-o fazendo-se masculina (função da lei), ou gestando o masculino (o desejo do filho como o desejo do *fallus*); a mulher pode simbolizar a lei, mas a lei continua masculina. O gênero nestas perspectivas sempre gira em torno de um.

Machado (1992) refere que a noção de gênero masculino, através da concepção do fallus (função da lei) como associando ao gênero masculino a concepção de controle e poder da cultura ocidental. Assim Machado afirma que a psicanálise afirma a dupla imanência de sentido: fallus em direção a pênis (biológico) e *fallus* em direção a poder (ocidental), apesar de reconhecer a instauração do arbitrário do *fallus* e da castração na ordem do contrato sócio-simbólico.

Heilbom (1992) refere que a categoria de Gênero foi tomada de empréstimo à gramática, definindo-o como o emprego de desinências diferenciadas para designar indivíduos de sexos diferentes ou ainda sexuais, mas que adquiriu significado de distinção entre atributos culturais alocados a cada um dos sexos e a dimensão biológica dos seres humanos. O gênero é apontado como uma categoria de importância para a pesquisa antropológica, como dado constitutivo da identidade do sujeito de pesquisa.

Heilbom (1992) refere o gênero enquanto constructo abstrato, princípio de classificação emergente da observação do real: diferenciação sexual do reino animal e vegetal. Segundo Hérítier (1979) o gênero representa a alteridade, descontinuidade.

Heilbom (1992) afirma que os trabalhos brasileiros utilizam a expressão de relações de gênero como definidora de identidade teórica.

Rubin (1975) desenvolveu o conceito de sistemas de sexo-gênero com o intuito de demarcar os dois níveis diferenciais que a condição sexual comporta. Rubin afirma ainda que a teoria marxista não inclui o sexo na análise da realidade, sobrando para Freud e Lévi-Strauss fornecem a resposta através de uma teoria social onde a sexualidade tem o papel dominante. Rubin destaca dois elementos distintos naquilo que outrora se chamava de papéis sexuais, agora referido como gênero: o indicador anatômico e a elaboração cultural.

DO CONCEITO DE IDENTIDADE

Slugoski e Ginsburg (1992) referem a identidade pessoal como um paradoxo: a qualquer momento somos os mesmos, porém diferentes do que acabamos de ser ou das quais poderemos vir a ser. Apontam para vários autores que tentaram resolver este paradoxo: Descartes, Hume, Locke, Kant e Sartre dentre os proeminentes filósofos. Explicar a unidade, continuidade e a percepção de sermos sempre a mesma pessoa é uma das preocupações da filosofia.

Ciampa (1990) refere que “cada indivíduo encarna as relações sociais, configurando uma identidade pessoal. Uma história de vida. Um projeto de vida. Uma vida-que-nem-sempre-é-vivida, no emaranhado das relações sociais”.

Sawaia (1994) descreve a identidade como entidade catalisadora da utopia do homem livre, a salvação do homem vivente em sociedades massificadoras.

Ciampa (1977, 1986a,b, 1990) nos apresentou o conceito de identidade enquanto metamorfose. Assim, a identidade-metamorfose é um processo através do qual, segundo Ciampa, “descreve a constituição de uma identidade que representa a pessoa e a engendra” (Ciampa, 1990, p. 243). A identidade é uma totalidade contraditória, múltipla e mutável, no entanto uma.

Identidade, além de questão científica, é uma questão política para Ciampa, que busca mostrar o indivíduo como conjunto das relações sociais dentro da História.

A identidade é constituída pelos grupos dos quais se participa. A pergunta “Quem sou eu?” traz em sua resposta a representação da identidade, então estudar identidade implica em analisar o próprio processo de produção da identidade enquanto fenômeno social e não natural. Uma vez que a identidade seja reconhecida numa relação, ela é assumida como produto e não como produção, e para se manter assim, se faz necessária a re-atualização através de rituais sociais, reposição como algo já dado, retirando em consequência, o caráter de historicidade, aproximando-a da noção de mito que prescreve condutas corretas, reproduzindo o social. A reposição da identidade deixa de ser vista como sucessão temporal passando a ser vista como simples manifestação de um ser idêntico a si-mesmo em permanência e estabilidade (Ciampa, 1986, pág. 67). As atividades de indivíduos identificados são normatizadas tendo em vista manter a estrutura social, vale dizer, conserva a identidade produzida, paralisando o processo de identificação pela reposição de identidades pressupostas, que um dia foram postas. A identidade é a representação do estar sendo, onde o ser que se está sendo é uma parcela da humanidade que nega o que se é sem se estar sendo, a humanidade total. “A identidade, que surge como representação do meu estar-sendo, se converte num pressuposto de meu ser (como totalidade), o que *formalmente*, transforma minha identidade concreta (entendida como um *dar-se* numa sucessão temporal) em identidade abstrata, num *dado* atemporal-sempre presente (entendida como identidade pressuposta re-posta)”. “Delta forma eu me represento a outrem, não sendo minha totalidade nem me mostrando “sendo”; *representação*:

- 1 - eu me represento enquanto estou sendo o representante de mim (com uma identidade pressuposta e dada fantasmagoricamente como sempre idêntica);
- 2 - eu represento, em consequência, enquanto desempenho papéis (decorrentes de minhas posições) ocultando outras partes de mim não contidas na minha identidade pressuposta e resposta (caso contrário eu não sou o representante de mim);

3 - eu represento, finalmente. enquanto reponho no presente o que tenho sido, enquanto reitero a apresentação de mim - re-apresentado como o que estou sendo - dado o caráter formalmente atemporal atribuído à minha identidade pressuposta que está sendo repostada, encobrindo o verdadeiro de minha identidade (como uma sucessão do que estou sendo, como devir).” (Ciampa, 1986, pág. 69).

Heilbom (1992) refere que quando se fala da identidade socialmente construída, o discurso antropológico está enfatizando a perspectiva sistêmica que domina o jogo de construção de papéis e identidades para ambos os sexos, retirando a aparência de “natural”, mesmo que o discurso em que se apresente assim o designe.

DA DEFINIÇÃO DA IDENTIDADE DE GÊNERO

A identidade ou papel de gênero é singular e não plural, mas também é bi-dimensional, tal qual uma moeda e seus dois lados. Gênero engloba sexo e eroticismo (Money, 1985).

Money refere que a identidade de gênero é muito mais que o sexo que inclui, muito mais do que apenas o fenótipo ou o critério da genitália externa. A identidade de gênero engloba o status de homem ou mulher, masculino ou feminino (ou misto) no critério de premissas múltiplas pessoais, sociais e legais, incluindo a orientação sexuográfica¹ (Money, 1985).

Embora as atribuições físicas sempre tenham sido usadas para corroborar a identidade de mulher ou de homem, na década de 70 médicos iniciam o discurso que as diferenciações musculares e de distribuição de gordura, esqueleto e cabelos não estão por completo sob domínio genético (Andrade, 1970).

Na década de 70, autores, a exemplo de Hampson (1970) iniciam o discurso de que “o papel genérico do sexo psicológico” parece ser aprendido, ou seja diferenciado por meio de aprendizagem durante o crescimento do indivíduo. O ser humano nasceria neutro no que respeitaria ao conceito de identidade de gênero, no que apontava a diferenciação de postulados psicanalíticos de uma bissexualidade psicológica constitucional inata.

Mas nem tudo segue o mesmo caminho na ciência. Questões políticas, nem sempre racionais e claras, surgem para confundir os rumos ante-

1. Preferência sexual, preferência por objeto sexual.

riormente traçados e desenvolvidos. Associações de funções cerebrais e o sexo genérico tem sido tentadas desde a década de 60, e apontam para mulheres usando mais o hemisfério direito para tratar informações verbais do que o homem, embora com lateralização menor do que no homem (Sonenreich e Bassitt, 1980).

John Money, da Johns Hopkins University, aponta para a função hormonal no desenvolvimento embriológico atuando sobre centros pré-ópticos do hipotálamo na formação biológica da identidade de gênero (Money, 1985, 1990). Autores, médicos, continuaram procurando referências orgânicas nas diferenças entre homens e mulheres para explicarem a identidade de gênero e as preferências sexuais, a exemplo de Swaab e Hofman (1988), anunciando que o núcleo supraquiasmico do hipotálamo era maior em 15 cérebros de homens mortos por AIDS e considerados homossexuais, o que os aproximava das mulheres. Simon Le Vay também divulgou “pesquisas” sobre cérebros de homossexuais, cuja estrutura seria “mais parecida” com as de mulheres (Folha de S. Paulo, 1991)². Esta corrente foi engrossada em 1992, com a divulgação de outros associados ao Departamento de Anatomia e Biologia Celular da Universidade da Califórnia. Laura Allen e Roger Gorski (Folha de S. Paulo, 1992). Ao dissecarem 41 cérebros afirmaram que a comissura anterior, seria mais larga em homossexuais do que em homens heterossexuais.

As explicações para identidade-gênero-objeto sexual-orientação sexual sempre foram tentadas através de contextos biológicos. Um exemplo foi a primeira explicação para homossexualidade foi feita por Ulrichs, em 1864, ao descobrir embriões hermafroditas, como base para a primeira explicação científica da homossexualidade masculina, nominalmente “uma mente de mulher presa num corpo de homem”.

A busca de “provar” que as questões sexuais são causadas pelos componentes biológicos-orgânicos continua pela década de 90. Em 1991, Michael Bailey e Richard Pillard, de universidades americanas, “concluem” que os fatores genéticos com entre 30 e 70% dos fatores da homossexualidade. Isto equiivale tentar dizer que a identidade de um homem depende de fatores genéticos. O estudo (!) de tais americanos comparava gêmeos univitelinos, gêmeos bivitelinos e irmãos adotivos (Folha de S. Paulo, 1991)³.

Rist (1992) considera a apresentação da defesa da homossexualidade genética uma crença inquestionada de que os homossexuais são inerentes diferentes. Co-fundador da *Gay and Lesbian Allince Against*

2. Simon Le Vay, era à época diretor do Instituto para a Educação de Homossexuais e Lésbicas de West Hollywood, na Califórnia, USA.

3. Pillard afirmara à época que a noção de organicidade acabaria com a idéia de homossexualidade ser adquirida, ser uma opção ou um desvio.

Defamation, Rist acredita que tais buscas genéticas da homossexualidade seja fruto de preconceito e da ideologia. Rist lembra que o médico ativista húngaro, de pseudônimo K. M. Kertbeny, que cunhou o termo homossexualidade, referida que esta condição se tratava de “uma propensão inata, e portanto irreprimível”. A proposição claramente política, buscando descriminalizar a homossexualidade, tornava-a “natural”, enquanto inata, o que deveriam conduzir ao respeito às forças da natureza.

Naturalmente muitas contestações passaram a ser efetuadas contra o determinismo genético. Passa a ser uma questão política, da mesma forma que a identidade o é.

A identidade de gênero é autorrevelada aos outros através de palavras e comportamento, e é publicamente conhecida e reconhecida. Porém, as outras pessoas sempre sabem menos do que o indivíduo, cujas evidências são de acesso apenas dele. O gênero somente pode ser certeza para o indivíduo.

DA IDENTIDADE MASCULINA

Story (1981) baseando-se em entrevistas com disfunções sexuais, aponta para a identidade masculina venezuelana: “um homem é “UM MACHO” quando se gaba de possuir o maior número de mulheres, intimamente, sendo que as virgens são mais importantes.

O machismo, segundo Story (1981) uma conduta a mais do organismo humano, compõe-se de dois fatores, complementares:

- os genitais participam da atividade humana em foco;
- fator intelectual, que nos permite selecionar, dirigir as ações com a finalidade de sentirmos satisfação, desfrute de prazer.

O machismo é considerado uma situação de prestígio, vivido pela humanidade há décadas, mas aquele que se considera “MACHO” deveria compreender que é um homem insatisfeito sexualmente, e que tampouco chega ao que deseja a personalidade feminina, a qual é transformada em objeto sexual. Quando um homem tem alguma dificuldade em suas relações sexuais, desenvolve-se um transtorno importante em sua personalidade que o conduz a um estado de angústia, de insegurança, de crise, depressão (incluindo pensamento de suicídio e homossexualidade), diminui o rendimento intelectual e a memória, etc. Há uma neurose depressiva ou agressiva, tornando-os muito irritáveis e de afastamento das relações sexuais pelo “terror do fracasso”.

A psicóloga Maria Cristina Antunes (apud Gentile, 1994) refere-se à genitália masculina como fonte do sentido de poder e força masculinos,

símbolo da masculinidade e da identidade masculina. Antunes referiu pesquisas com adolescentes de baixa renda realizada pelo Núcleo de Estudos para Prevenção da AIDS, da Universidade de São Paulo: ao se solicitar a 400 jovens, de 13 a 20 anos de idade, que modelassem com farinha, água e sal qualquer órgão genital que quisessem, todos os garotos modelaram penis enormes.

Paradoxalmente, o homem, social e genericamente determinado, seguro da própria identidade sexo-genital, distorce-se em sua personalidade, por não conseguir manter os parâmetros rigidamente exigidos pelos pilares mantenedores da identidade sexual masculina. Ao mesmo tempo que a identidade masculina é produzida e mantida pelo ambiente social, esta identidade não se suporta quando caem por terra as condições nas quais estão embasadas a identidade masculina.

A identidade masculina é antes um papel desenvolvido, mas que é assumido como “a” identidade do homem pelo homem. Ao não poder pronunciar-se a expressar-se com os papéis que lhe são exigidos, o homem sente-se despersonalizado, deixando de ser o homem que julga que deva ser.

Podemos entender a identidade de gênero no homem como a identificação de uma pessoa com o gênero masculina, dentre duas possibilidades (masculino ou feminina). A identidade de gênero forma-se a partir do grupo social imediato nos primeiros anos de vida. A identificação produzida por objetivação constrói a identidade de gênero.

A identidade sexual implica num discurso geral do sexo dentro do gênero, e em singularidade. O “eu” liga-se a normas externas. O preenchimento da identidade sexual é subjetiva e sustentada pelo grupo dos iguais. teremos uma infinidade de identidades sexuais masculinas, pois dentro da identidade de gênero, que contém as normas gerais para a identidade sexual, encontram-se as possibilidades e variabilidade da identidade sexual. A identidade sexual é uma parte da identidade menos pública, sendo a formação mais dependente de construções subjetiva, dependendo mais de si, a menos da relação de gênero homem/mulher.

O homem, para sentir-se “homem”, sentir-se identificado em seu papel identificatório masculina, busca a reposição constante da identidade masculina. Ao buscar a constante reposição desta identidade masculina, o homem nega a variabilidade e a possibilidade de encontrar soluções e saídas para as dificuldades que o homem venha a enfrentar. A crença genérica do homem sobre a causalidade de seu problema sexual ser de origem física, é coerente com a re-posição constante e continuada da identidade sexual masculina (Rodrigues Jr. e cols., 1992). O corpo é usado como justificativa a única solução para o problema sexual; o homem impossibilita-se em obter soluções para problemas perturbadores de sua identidade masculina devido a constante reposição desta identidade (Rodrigues Jr., 1995).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ANDRADE, R. D. (1970): Sex differences and cultural institutions. In HUDSON, L.: *The ecology of human intelligence*. London: Pinguin.
2. CIAMPA, A. C. (1977): *A identidade social e suas relações com a ideologia*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
3. CIAMPA, A. C. (1986a): Identidade. I. e LANE, S. T. M. e CODO, W. (orgs.): *Psicologia Social, o homem em movimento*. São Paulo: Editora Brasiliense, 3ª edição, pp. 58-75.
4. CIAMPA, A. C. (1986b): *Identidade: um estudo de Psicologia social sobre a estória do Severino e a história da Severina*. Tese de Doutorado em Psicologia Social. São Paulo: PUC/SP.
5. CIAMPA, A. C. (1990): *A estória do Severino e a história da Severina*. São Paulo, Editora Brasiliense.
6. COSTA, A. O.: BRUSCHINI, C. (orgs.) (1992): *Uma questão de gênero*. São Paulo: Editora Rosa dos Tempos/Fundação Carlos Chagas.
7. FOLHA DE S. PAULO (1991): Gêmeos homossexuais reforçam tese genética. *Folha de S. Paulo*, 17 de dezembro: caderno Mundo (2):3.
8. FOLHA DE S. PAULO (1992): Homossexual “nasce pronto”, diz estudo. *Folha de S. Paulo*, 72(23176). 15 de setembro: caderno Ciência (1):12.
9. GENTILE, R. (1994): Problema é psicológico-especialistas dizem que tamanho não influi. *Jornal da Tarde*, 30 de setembro de 1994: 10B.
10. HAMPSON, J. L. (1970): Causas determinantes de la orientación sexual. In BEACH, F. A.: *Sexo y conducta*. México: Siglo XXI.
11. HEILBORN, M. L. (1992): Fazendo gênero? A antropologia da mulher no Brasil. In COSTA, A. O.: BRUSCHINI, C. (orgs.): *Uma questão de gênero*. São Paulo: Editora Rosa dos Tempos/Fundação Carlos Chagas.
12. MACHADO, L. Z. (1992): Feminismo, academia e interdisciplinariedade. In COSTA, A. O.: BRUSCHINI, C. (orgs.): *Uma questão de gênero*. São Paulo: Editora Rosa dos Tempos/Fundação Carlos Chagas.
13. MONEY, J. (1990): Homosexual/heterosexual gender research: from sin to science to secret police. In BIANCO, F. J. e HERNANDEZ-SERRANO, R. (ed.): *Sexology as an independent field*. Caracas: Elsevier Science Publishers.
14. MONEY, J. (1985): History, theory and usage of the term. In *Sexology and its relationship to nature/nurture*. *Journal of Sex and Marital Therapy*, 11:71-9.
15. RITS, D. Y. (1992): Ativista contesta teoria do homossexualismo genético. *Folha de S. Paulo*, 18 de outubro: caderno Ciência (6):12.
16. RODRIGUES JR., O. M.; SARTORI, M.: COSTA, M. (1992): Disfunção erétil secundária: aceitação de tratamento e determinação de etiologia pelo paciente. *Revista Brasileira*, RODRIGUES JR., O. M. (1995): *Psicologia e Sexualidade*. Rio de Janeiro: Editora Medsi.
17. SAWAIA, B. B. (1994): Identidade é figura central do final do século XX. In MAHEIRE, K.: *Agenor no mundo - um estudo psicossocial da identidade*. Florianópolis: Letras Contemporâneas (Coleção Teses).
18. SLUGOSKI, B. R.; GINSBURG, G. P (1992): Ego identity and explanatory speech. In SHOTTER, J.; GERGEN, K. J. (ed.): *Texts of identity*. London: Sage Publications. 3ª reimpressão.

19. SONENREICH, C.; BASSITT, W (1980): *Sexualidade a repressão sexual*. São Paulo: Editora Manole.
20. SORJ, B. (1992): O feminismo na encruzilhada da modernidade e pós-modernidade. In COSTA, A. O.; BRUSCHINI, C. (orgs.): *uma Questão de gênero*. Sao Paulo: Editora Rosa dos Tempos/Fundação Carlos Chagas.
21. STORY, L. A. (1981): El machismo y la sexualidad masculina. In HERNANDEZ-SERRANO, R. e PARRA-COLMENAREZ, A. (eds.): *IV Simposium internacional sexualidad en el impedido*. Caracas: Colégio Médico del Edo Miranda.
22. SWAAB. D. F.; HOFMAN, M. A. (1988): Sexual differentiation of the human hypothalamus: ontogeny of the sexually dimorphic nucleons of the preoptic area. *Developmental Brain Research*, 44:314-8.
23. ULRICH, K. H. (1864): *Forschungen ueber das Rathsel der mannmaennlichen Liebe* (questionamento sobre o enigma do amor de homem para homem). Vol. 2. Leipzig: Selbstverlag der Verfassers.